

Editorial

Elsa Estrela ¹

Germano Borges ²

O atual cenário educativo é definido por transformações aceleradas que exigem uma profunda revalidação da instituição escolar e da profissionalidade docente. Esta necessidade de preservação e transformação simultânea da escola, tal como defendido por António Nóvoa, coloca os professores no centro de um novo contrato social para a educação, assente na cooperação, colaboração, convergência curricular, convivência na escola e nos comuns educacionais. A formação de professores assume, assim, um papel estruturante ao oferecer os contextos necessários para o desenvolvimento de competências que transcendam a mera instrução, promovendo a emancipação profissional e a construção de identidades docentes robustas em tempos de incerteza.

Paralelamente, a proliferação de novos fluxos informacionais e ferramentas digitais emerge como um fator complexo que reconfigura a relação com o saber e as práticas pedagógicas nas salas de aula. Se, por um lado, os ecossistemas digitais e híbridos oferecem oportunidades promissoras para a inovação metodológica, a personalização das trajetórias e a autonomia dos estudantes, por outro, despertam sérias preocupações institucionais. Entre estas tensões, ganham relevo o risco de desumanização dos processos educativos, o aumento das desigualdades de acesso, a necessidade de assegurar a integridade e a autoria académicas e a urgência de preservar o desenvolvimento do pensamento crítico. A superação destas visões dualistas exige uma intencionalidade pedagógica clara, capaz de combinar diferentes espaços e recursos em prol do sucesso educativo.

Neste enquadramento de rápida transição cultural, o impacto das transformações pedagógicas e sociais depende fundamentalmente da forma como os professores as integram criticamente nas suas identidades profissionais. Torna-se imperativo que a formação, tanto inicial como

1 Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED) - Universidade Lusófona,
elsa.estrela@ulusofona.pt

2 Instituto de Educação - Universidade do Minho,
d6461@ie.uminho.pt

contínua, capacite os profissionais para enfrentar novas exigências éticas e organizacionais, bem como novas formas de controlo do trabalho docente. Mais do que reagir passivamente às mudanças externas, os professores devem ser assumidos como autores, decisores e investigadores da sua própria prática, posicionando-se como mediadores essenciais na construção da cidadania e na inserção das culturas juvenis nos ecossistemas de aprendizagem.

É a partir deste horizonte de tensões, continuidades e transformações que se organizam os textos reunidos no presente número. Embora incidam sobre objetos, contextos e níveis de análise distintos, os seus contributos convergem na problematização das condições em que se formam os professores, se constrói o conhecimento profissional e se exerce a docência. A formação inicial, a indução, o desenvolvimento profissional, a avaliação, as metodologias de ensino, a argumentação e o pensamento crítico, a inteligência artificial generativa e os dispositivos de regulação do desempenho surgem, deste modo, como dimensões interdependentes de uma mesma questão: a construção de uma profissionalidade docente capaz de responder criticamente às transformações educativas contemporâneas.

Neste enquadramento, o texto de Licínio C. Lima, integrado na secção ‘Debates’, proporciona uma interpelação crítica ao atual modelo português de formação de educadores e professores, enquanto os artigos selecionados aprofundam diferentes dimensões da formação e da profissionalidade docente.

O texto de Licínio C. Lima, intitulado *Problemas atuais da formação de educadores e professores*, aborda os problemas atuais da formação de educadores e professores em Portugal, que classifica de ‘muitos e graves’. O autor identifica a prevalência de um modelo de formação tecnocrático, gestor e instrumental, incapaz de assegurar um projeto integrado e específico de “educação de educadores profissionais”. Mais do que assinalar insuficiências pontuais de organização curricular, o texto questiona os fundamentos do modelo de formação instituído. No centro desta problematização, encontra-se aquilo que Licínio C. Lima designa como uma “desintelectualização da formação”, desenvolvida num modelo “onde tudo parece caber, menos os contributos específicos do pensamento e da investigação em educação”.

É também no domínio dos fundamentos da formação que se situa o texto de José Ngola Carlos, *Paulo Freire e a avaliação na educação*. O autor sublinha a importância de instituir uma avaliação dialógico-formativa e crítico-reflexiva, na qual todos os agentes ligados ao processo de ensino-

aprendizagem sejam chamados a participar com as suas críticas e sugestões. Nesta perspetiva, a avaliação não termina em si mesma, nem pode ser reduzida a um procedimento terminal ou exclusivamente classificativo. A relevância deste contributo para a formação de professores decorre da necessidade de interrogar as conceções de avaliação que orientam a ação pedagógica.

A formação do pensamento crítico constitui, por sua vez, o núcleo do artigo de Chrysi Rapanta, *Educar para pensar: Para uma formação transversal dos professores na área da argumentação*. A partir de um estudo exploratório que envolveu estudantes-professores de sete mestrados em ensino, a autora aborda a argumentação dialógica como meio para desenvolver disposições de pensamento crítico. O contributo deste estudo reside na valorização da argumentação não apenas como competência comunicativa ou académica, mas como dimensão transversal da formação docente.

Numa zona de articulação entre a formação, a indução e o desenvolvimento profissional situa-se o texto de Fernanda Nogueira, Elizabeth Souza, Verônica Maguela e Diogo Casanova, *Desenvolvimento profissional na docência a distância e digital no ensino superior: Conceptualização e operacionalização de um programa de indução docente na UAb*. Tendo como contexto a conceção e a implementação da primeira edição do módulo de ambientação docente da Universidade Aberta, os autores analisam um programa de indução orientado para a docência a distância e digital no ensino superior. O artigo reforça a “relevância da reflexão sobre a prática e da partilha entre pares como estratégias promotoras do desenvolvimento profissional”. A indução não é, deste modo, reduzida à transmissão de informações institucionais ou ao domínio funcional de tecnologias. Pressupõe a criação de oportunidades para analisar a prática em interação com outros docentes.

As transformações tecnológicas são igualmente abordadas, embora a partir de um objeto de estudo diferente, por Teresa Ribeirinha, Raquel Santos, Marisa Correia e Perpétua Silva, no artigo *Aceitação e utilização de ferramentas de inteligência artificial no ensino superior: Evidências de um estudo com estudantes portugueses*. A investigação, que envolveu estudantes de uma escola superior de educação de um instituto politécnico português, procura compreender os fatores que influenciam a aceitação e as intenções de utilização da inteligência artificial generativa pelos estudantes, bem como a forma como estas tecnologias podem influenciar

as práticas pedagógicas. As autoras enfatizam a importância de formar os estudantes para uma utilização responsável e informada das tecnologias de IAGen. Os resultados apontam para a necessidade de abordagens pedagógicas equilibradas e reflexivas, capazes de reconhecer o potencial transformador da IA na educação sem ignorar os seus riscos e limitações,

No domínio da profissionalidade docente, o artigo de Carla Lúcia Costa e José Carlos Pereira, *Metodologias de ensino e profissionalismo docente: percepções e práticas pedagógicas em duas escolas açorianas*, evidencia a predominância de uma conceção de profissionalismo simples, relativamente a formas mais compostas e interativas de exercício da docência. Esta orientação traduz-se numa prática profissional centrada no espaço da sala de aula, no cumprimento das prescrições curriculares e na valorização da dimensão técnica do ensino. O professor tende, assim, a ser representado sobretudo como especialista numa área disciplinar e executor de uma atividade letiva previamente estruturada. Ao colocar esta conceção em contraste com modelos mais interativos, o artigo contribui para problematizar os limites de uma profissionalidade circunscrita à prática letiva individual e ao domínio técnico do ensino.

A problemática da articulação entre a regulação e o desenvolvimento profissional é explorada no artigo de Ana Cabral e José Rodrigues, *Feedback formativo na avaliação externa do desempenho docente: Caminhos para a emancipação profissional*. A investigação recorre a uma metodologia mista, combinando questionários aplicados a docentes recentemente avaliados com entrevistas semiestruturadas realizadas a cinco avaliadores externos de um agrupamento de escolas do Norte de Portugal. Os resultados mostram que, embora seja atribuído ao feedback um papel relevante na aprendizagem e no aperfeiçoamento profissional dos professores, esta dimensão não se encontra plenamente incorporada na estrutura da avaliação externa do desempenho docente. A sua concretização depende, em grande medida, das condições organizacionais em que decorre a avaliação, da preparação dos intervenientes e da qualidade das relações profissionais estabelecidas. O estudo assinala, neste âmbito, diversos constrangimentos, entre os quais a preparação insuficiente dos avaliadores, o tempo limitado destinado à observação, o peso dos procedimentos burocráticos, a dificuldade em construir relações de confiança e a prevalência de uma lógica orientada para a atribuição de classificações.

Em conjunto, os textos deste número evidenciam que as tensões emergentes na formação e na profissionalidade docente não podem ser

reduzidas a problemas técnicos de organização dos cursos, escolha de metodologias, utilização de tecnologias ou funcionamento dos dispositivos avaliativos. O que se encontra em discussão são diferentes concepções de educação e de profissão docente.

A desintelectualização e a tecnicização da formação, a fragilidade da formação educacional geral, o desenvolvimento do pensamento crítico, a necessidade de modalidades dialógicas de avaliação, a indução em contextos digitais, a utilização responsável da inteligência artificial generativa, a prevalência de formas simples de profissionalismo e os limites formativos da avaliação externa do desempenho constituem manifestações distintas de uma mesma questão: que professores se pretende formar e que condições lhes são proporcionadas para exercerem a profissão?